

TAWÉ

UM POVO

O LIVRO NARRA UMA VIAGEM PELA SELVA DA AMAZÔNIA E RESGATA OS DESAFIOS ATUAIS QUE OS ÍNDIOS ENFRENTAM NO BRASIL BIGODE BIGODEBIGODE BIGODEBIGODE BIGODE

LÍGIA RÍSPOLI E
LÍDIA RABELO
8º PERÍODO

Karl Marx e Friederich Engels ficariam com inveja do nativo brasileiro Walter Parreira, não necessariamente pela filosofia que Walter passou em seu livro "Tawé - nação munduruku", mas pelo motivo que gerou o livro. Marx foi um grande crítico do excedente, gerador de lucros, na sociedade capitalista. Engels, parceiro intelectual de Marx, é autor do livro "A origem da família, da propriedade privada e do Estado". Na ditadura brasileira, enquanto as notícias que se tem por aquele período é o de terror e torturas, Walter e sua esposa colocaram uma mochila nas costas e partiram rumo ao desconhecido, a única certeza era de que iriam para o norte. Eles tiveram a oportunidade de aprender, ao vivo e a cores como uma sociedade desprovida de propriedade vivia. E não eram os hippies, invenção norte-americana. Eram os mundurukus, tribo indígena da Amazônia.

Longe do romantismo de José de Alencar, em que sua personagem indígena Iracema se apaixonava perdidamente por um branco, "só Valto", como era chamado pelo cacique Tawé, é que se apaixonou por uma tribo que nunca tinha tido contato com o

homem branco. Em uma experiência que pode-se dizer única, "só Valto" e sua esposa Maria Francisca, Kika, ou melhor, "Alê-alê-ô", como a chamava os curumins por ensiná-los música com esse refrão, passaram mais ou menos 2 meses escondidos pelas matas selvagens da Amazônia. Mas eles não tentam ensinar os valores ocidentais para os índios e nem vão morar para sempre com eles, vão como visitantes e quando sentem incomodá-los saem de suas moradas, sem deixar rastros de destruição.

Ser índio, de acordo com o Estatuto do Índio da Constituição Federal de 1988, "é todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é intensificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional". Ser índio no Brasil de hoje também é ter 12% do território brasileiro, para quem já foi dono de 100% desse território chamado Brasil, o equivalente a 247 povos ou 180 línguas que, de acordo com o ex presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), Mércio Pereira Gomes, em declaração à Agência Reuters em janeiro de 2006, os índios têm muita terra, o que causou comoção entre lideranças indígenas. Os índios, dentro da categoria de características que os distinguem da sociedade nacional, explica Walter, "não se encaixam no modo capitalista de produção", em outras

palavras, não acumulam excedente. Se não existe esse excedente, todo dia é dia de caçar e garantir sobrevivência, e se não há caça, há o risco de morrer de fome, daí a importância de grandes territórios para a sobrevivência do povo indígena. "São 12.000 anos de registro de humanos no Brasil vivendo dessa maneira, conquistando o dia de hoje", explica o autor.

E diante dessa dependência do que a natureza oferece é que o índio não poderia ter propriedade fixa, ele tem que ir onde existe alimento. E é também por isso que o índio não destrói o ambiente em que vive: ele é a sua sobrevivência. E também por isso os filósofos europeus morreriam de inveja: antes da idéia do comunismo existir pelo mundo, as matas brasileiras já abrigavam povos sem bens materiais, com compartilhamento de sua produção, sem excedente. Walter fala de uma anedota que contam a ele: "Uma vez os índios foram caçar com um homem branco. Pegaram um jacaré para se alimentar. Havia outro, do lado, fácil de pegar. O homem branco pergunta: vocês também não vão pegar esse? E os índios, surpresos: Você come dois jacarés??? Porque nós comemos só um". Por esse diferente modo de vida, é que a visão do índio sobre a natureza, sobre a terra, as mulheres, os curumins, a fauna se diferencia tanto do homem branco, o que Parreira define como uma relação sagrada e que por mu-

to tempo passou uma idéia falsa de ingenuidade dos índios, por exemplo, não ligarem para o ouro, já que não era de comer. E como Marx defendia, o homem pensa como vive.

Ideologia nas escolas

Walter explica que não é por acaso a visão distorcida que o homem branco aprende nas escolas, do índio primitivo, ingênuo, bobo. É que eles não se adequam no modo capitalista de produção, e por nunca terem entendido muito a lógica do homem branco é que davam péssimos escravos. E se sentiam acuados, se suicidavam, ou melhor, se suicidam. Mas quando tentam também se adaptar à sociedade, são vistos como "desertores", que não tem nada de índio, e por isso não merecem direitos do Estado. Mas voltando aos bancos escolares, é nele que os invasores ensinam às suas crianças que o outro é inferior. "A escola procura formas de convencer a sociedade, de maneira que essa não se importe com as invasões. Como a sociedade legitima as invasões? Descaracterizando a cultura daquele povo, discriminando o outro. É a mesma coisa dos EUA que invade o Iraque: quem reage é terrorista, o que acaba por deslegitimar qualquer reação. O mesmo na Ditadura brasileira: quem reagia também era subversivo", explica Walter. E ele lembra que a imprensa também está a serviço dessa ideologia, de maneira a ocultar ou revelar os fatos, de acordo com conveniências dessa ideologia. "Eu vou contar uma pequena história que aconteceu aqui em Minas Gerais, numa tribo dos Krenak, indo para o Espírito Santo de trem passa no território deles, um lugar maravilhoso. Eles têm um ritual de tempo em tempo pegar os males da tribo e chegar às margens e jogar no rio para ir embora, é um ritual de purgação, de purificação, assim como toda cultura possui, quando se reza pelo sinal da santa cruz, você está fazendo esse ritual, que é tirar os inimigos de perto da gente, candomblé, umbanda, todos tem danças para espantar os males, dos Krenak é isso. Aí eles ficam em paz, apaziguados e continuam a viver. O que é que aconteceu com esse povo, dois quilômetros abaixo no rio, é que construíram uma represa, então o que começou a acontecer, na visão deles, é que os males começaram a ficar represados, não iam embora mais. Como se o católico não pudesse mais fazer o sinal da cruz, os índios se desesperaram, não sabiam o que fazer, daí começaram a se suicidarem, porque o mundo simbólico deles é outro.

O problema da terra é muito comum entre os índios, como explica o missionário frei Edison, na obra de Walter: "Há um mês atrás fazendeiros invadiram e se apossaram das melhores terras dos Xavante e, se não me engano, dos Kayabi. E a mesma coisa numa outra região, chamada Diamantino, em Mato Grosso. Lá, inclusive, os índios começaram a preparar sua resistência. Mas eles vão pela via legal primeiro, pela lei do homem branco - que ele próprio, branco, faz e não respeita. Nesse lugar, Diamantino, por exemplo, os índios pediram que o chefe da Funai na região resolvesse o problema e ele não resolveu. Pediram, então, que chamassem o presidente da Funai, e ele acabou indo mesmo lá, mas disse para esperarem porque ele não podia resolver na hora - eles não aceitaram, claro. Ora, não podia resolver na hora...! Os índios estavam sendo inva-

ditos, eles não podiam esperar...! Esperar o quê?! Se o governo não tomava providências era porque, claro, estava do lado dos fazendeiros - ou mineradores, não sei -, estava defendendo os interesses dos invasores. Eles queriam tempo, isso sim, para tirar os índios, e não os invasores. Mas os índios não aceitaram a lengalenga da Funai. (...) Exigiram então a presença do ministro do Interior - e ele foi, mas disse a mesma coisa, que precisava de tempo. (...) Como não pode ser resolvido na hora o problema de alguém ter invadido e se instalado em suas terras? Se alguém entrasse na casa ou nas terras do senhor ministro, é lógico que ele chamaria a polícia e resolveria o caso na hora. (...) Eles não arredaram o pé e pediram então presença sabe de quem? Do Presidente da República!!! dizendo assim: 'Ele não é um general (na época da Ditadura)? Então ele pode colocar seus soldados para expulsarem os homens de nossa terras-se ele não fizer isso, nós mesmos vamos fazer!' Eu não sei ainda como ficou..."

Alcoolismo

A Companhia Pombal Arte Espaço Alternativo, de teatro, esteve presente em Belo Horizonte. A peça apresentada na capital mineira, de acordo com um ator munduruku, era para contar um pouco da história de seu povo. O teatro trata do tema do alcoolismo, que tem sido um dos grandes problemas entre diversas tribos. Walter, no livro, também aborda essa questão ao conversar com o próprio cacique sobre o assunto, no qual ele fala: "Quando o 'civilizado' dá ao índio uma garrafa de cachaça, ele sabe o que quer, ele já sabe aonde vai chegar. E, muitas vezes, ele não dá só a cachaça, ele dá presentes também para enganar. (...) Se um índio ganha uma espingarda, ele vai ficar satisfeito, porque ela vai facilitar muito a vida, vai trazer mais quantidade de caça, mais alimento. Mas onde ele vai fazer a munição? Flecha, a gente faz toda hora, igual arco, armadilha para peixe. Mas como a gente vai conseguir as balas? Aí vem a dependência." Tawé lembra ainda: "A vida do índio é dura, e a cachaça é uma ilusão que vem para enganar. A gente tem que tomar muito cuidado. O índio é bom, aceita tudo, aceita as coisas novas com facilidade e os homens ruins aproveitam isso. O índio não tem maldade, ele não vê a maldade que o pariwat (homem branco) tem, não entende que o pariwat tá interessado em tomar sua terra, fazer um garimpo ali, levar o que sua terra tem."

Ser índio continua a ser tarefa árdua. De acordo com a Funai "hoje, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também 63 referências de índios ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista". Sobre a importância dos índios hoje, Walter explica: "Se eu pudesse eu colocava essa tribo (a que ele visitou) em um redoma de vidro, para ficar intocado, que era para a gente ver e também as gerações futuras, a sociedade evoluída que existe."

Ilustrações cedidas por Ivana Andrés



... e vários ensinamentos



Livro pode se tornar um filme

A peça de teatro "A saga dos Munduruku" conta a história de um índio que vive fora da aldeia e que é afastado de um espetáculo por preconceito racial e cultural. Segundo o diretor da peça Luiz Vitalli a obra de Walter foi de grande importância para a peça. Após conhecê-la, ele acrescentou várias coisas que considerou importante para o espetáculo. Vitalli fala da humanidade com que Walter narrou a história dos Munduruku, e imagina um filme quando lê trechos do livro. Luís Vitalli é diretor, ator de teatro, cinema e televisão, roteirista para televisão, escritor, teatrólogo e produtor cultural / multimídia. Além disso, é diretor da Cia Pombal Arte Espaço Alternativo, Organização Não Governamental em Manaus, sem fins lucrativos com mais de 20 anos, que desenvolve trabalhos na área de teatro, música, dança, artes visuais e manuais, literatura, dentre outros.

O diretor esteve em Belo Horizonte em junho para apresentação da peça "A saga dos mundurukus". Ele ofereceu também um workshop cuja técnica trabalhada foi de "Teia Teatro", que trabalha com o envolvimento da platéia na construção coletiva de uma peça. O workshop foi oferecido no projeto "Sábado com Arte" da Universidade Fumec. Abaixo segue a entrevista concedida pelo artista, na qual fala de sua vontade de trans-

formar o livro "Tawé- A saga dos mundurukus" em um filme.

Luís Vitalli: Para falar da idéia, tenho que falar do livro, do Walter como pessoa. Esse acontecimento especial, esse encontro (entre eles) só foi possível através dos mundurukus, o que é muito inusitado. O livro é um romance apaixonante. A literatura de Walter é como uma fotografia, um filme, ele conduz a gente no processo. Conduz a gente como se pegasse a nossa mão e fizesse a gente viajar pelo mundo encantado que ele viajou. Encantado que digo, não por uma floresta encantada, mas emittido pela forma como ele se apropria das palavras. Eu imagino tudo se transformando em cena. É um filme que passa pela minha cabeça, eu acho que ele quase não tem palavras, é um filme mais de condução emocional e visual, por causa da forma como ele olha.

Eu já passei muitas vezes por várias nações indígenas, já fui em vários lugares. E o Walter caiu como uma folha, para que eu possa entender emocionalmente e intelectualmente os ensinamentos indígenas. O livro vai muito além das nações indígenas, ele consegue colocar os próprios pensamentos, a narrativa faz com que a gente respire toda a atmosfera. É um livro pedagógico, é um romance de ficção, é uma narrativa vivida, ele consegue colocar tudo isso em um

só livro. É isso que me encanta da possibilidade de fazer um filme.

OP: Fale mais sobre os índios que moram na cidade, tema de sua peça teatral.

LV: É que nem japonês quando sai de sua terra: continua a ser japonês. É um aprendizado constante. Os valores (indígenas) são outros, a perspectiva de vida é outra, a questão religiosa passa por outro caminho. E o preconceito está instalado no ser humano, a gente que se vigiar e policiar. No cotidiano mesmo fazemos isso, julgamos o outro. Manaus, por exemplo, que é uma cidade cruel e desordenada, como a maioria das cidades, está meio de diversas nações indígenas. Para se ter uma idéia, o Brasil tem mais de 220 nações indígenas diferentes. Quase que 220 línguas. E acho que isso é uma riqueza muito grande, que a gente tem que saber. Nós todos, brasileiros, somos descendentes de índios. Das três raças (africana, europeia e indígena), a mais forte é a indígena, mas é que matamos esta história, este passado milenar. Quando você vai a uma aldeia, você percebe que esse passado milenar está presente.

A peça conta a história do índio que vai à cidade e batalha, sem perder identidade. Os atores são índios, representam eles próprios e também personagens "brancos".

Religião para os índios

A campanha da fraternidade promovida pela igreja católica neste ano tem como tema "Fraternidade e Amazônia" e como lema "Vida e missão neste chão". De certo modo se pode desconsiderar a atualidade e necessidade em se tratar do tema em nossa sociedade contemporânea cerceada pelas injustiças sociais, pela não consciência em preservar a natureza e tudo que nela existe, pela arrogância e pelo poder.

Um trecho da oração demonstra muito bem os problemas que os homens tem causado para a Amazônia e principalmente para o povo indígena que com isso vem perdendo território, os latifúndios que se estendem, o corte de madeira irregular que destrói a floresta, a procura por minerais. "Ninguém cuida melhor da floresta do que o índio, ninguém tem mais carinho pela mata, pelos animais, pelas plantas do que ele" relata Walter. Ele explica que os índios tem um imenso respeito pela floresta e por todo tipo de vida que ali existe, eles são os que mais preservam a natureza. Essa discussão que é colocada pela igreja reforça que existe algo muito impor-

tante que deve ser preservado, embora em alguns momentos a igreja por meio das missões religiosas seja contraditória em relação aos índios. Como explica o psicólogo, as missões por um lado atuam de modo favorável na defesa dos territórios indígenas, mas por outro trazem consigo um discurso colonizador que desqualifica, descaracteriza a cultura indígena. "As missões religiosas vêm imbuídas de fato de arrogarem um saber civilizado que aquele selvagem desprovido de conhecimento não tem, então desqualifica a vida do índio e os colocam como se eles fossem ignorantes e selvagens, e daí passar o saber para eles, eles tem que encaixar nessa concepção de vida, nos nossos valores, que é a ocidental e "civilizada", esse é o discurso de todo colonizador, desqualificar a cultura do outro para impor e fazer valer a sua", reforça Walter. Os Mundurukus vivem o evangelho, na opinião de um missionário citado no livro "Tawé- nação munduruku", que está no seu modo de viver, no respeito, no amor que tem com o próximo, embora não conheçam a Bíblia sagrada, por não reconhecer a língua.

